



O resgate das plantas da ancestralidade *The rescue of ancestral plants*

OLIVEIRA, Juliana Andrade de¹; ELTETO, Yolanda Maulaz²; ELTETO, Simone Maulaz³; CARDOSO, Irene Maria⁴; GUIMARÃES, Clara Soares de Freitas⁵

¹ Universidade Federal de Viçosa, juliana.a.oliveira@ufv.br; ² Universidade Federal de Viçosa, yoly.maulaz@gmail.com; ³ Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, simone-maul@hotmail.com; ⁴ Universidade Federal de Viçosa, irene@ufv.br; ⁵ Universidade Federal de Viçosa, clarasoaresfg@gmail.com

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores e Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O resgate das plantas da ancestralidade (PANCs) se faz necessário tanto para a sociedade especialmente pela relevância alimentar, como para a conservação da agrobiodiversidade. Diante disso esse trabalho teve o objetivo de resgatar o cultivo, usos e conhecimentos sobre a diversidade dessas plantas para reintroduzi-las na base alimentar das pessoas na Zona da Mata mineira. Para tanto foram acompanhados dois “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” realizados na casa de duas famílias em dois municípios da região. Nesses momentos foram trocadas sementes, mudas e saberes, além de pratos e receitas culinárias com o uso dessas plantas. Esses espaços permitiram a propagação e a conservação da biodiversidade de plantas da ancestralidade identificadas, bem como envolveram a troca de conhecimentos, receitas e memórias sobre essas plantas.

Palavras-Chave: agricultura familiar; segurança alimentar; cultura; agrobiodiversidade; PANC.

Keywords: family farming; food safety; culture; agrobiodiversity; PANC.

Contexto

No Brasil, a agrobiodiversidade de plantas alimentares é de cerca de duas mil espécies, mas a alimentação está na maior parte baseada em 12 espécies (FAO, 1996). Muitas destas plantas podem ser utilizadas na alimentação, algumas delas já foram utilizadas e atualmente não são mais. Tais plantas têm sido reintroduzidas na alimentação e normalmente são chamadas de plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Nesse trabalho o termo “Plantas da Ancestralidade” será utilizado, por que PANCs é um termo criticado por muitos, e a proposta desse trabalho é trazer a noção de plantas ancestrais que ainda são usadas e conservadas por famílias agricultoras tradicionais e que fazem parte da segurança alimentar e de outros usos importantes para as famílias.

As “Plantas da Ancestralidade” possuem alto potencial nutricional e apresentam potencialidades para múltiplos usos, além do alimentar, elas também são usadas de forma medicinal, ornamental, entre outros importantes para os humanos e a natureza.



As plantas da ancestralidade carregam consigo histórias e conhecimentos dos agricultores (as) que estiveram envolvidos com a sua dispersão e domesticação. As comunidades de agricultores (as), especialmente os tradicionais, mantiveram ao longo do tempo os hábitos alimentares e culturais associados às certas plantas, com isso eles desenvolveram técnicas de uso e manejo, bem como se tornaram os maiores conhecedores dessas plantas.

As plantas da ancestralidade são reconhecidas pelas comunidades e muito utilizadas no cotidiano das famílias, porém com o processo de industrialização da agricultura e padronização das formas de vida, o uso dessas plantas tem sido substituído por mercadorias, principalmente por alimentos processados que se baseiam no uso de poucas espécies e afunila não só a base alimentar, bem como a nutricional dos alimentos.

O não reconhecimento da importância destas plantas se expressa na forma de designá-las. Estas plantas são comumente denominadas de plantas daninhas. A perda da tradição em usar estas plantas provoca erosão genética e cultural. A cultura é o que define um povo e a alimentação é fundamental para a perpetuação do modo de vida e cultura desse povo.

Através do alimento manifestamos emoções, sentimentos de pertencimento cultural e histórico, modo de vida e relações com os lugares. Os alimentos dizem muito sobre uma comunidade e sua forma de lidar com o mundo. Comer é um ato político e escolher como alimentar-se reflete condutas individuais, sociais e uso da terra.

Resgatar os costumes e tradições, perceber a riqueza gastronômica, nutricional e as potencialidades econômicas e sociais de uso das plantas da ancestralidade pode contribuir para a segurança e soberania alimentar das famílias agricultoras e consumidores e para a conservação da biodiversidade, pois provoca reflexões sobre as diversidades de plantas alimentares e medicinais que existem e suas funções nos ecossistemas.

Nesse contexto esse trabalho foi desenvolvido, com o objetivo de resgatar as “Plantas da Ancestralidade” e os conhecimentos e funções atribuídas a elas.

Descrição da Experiência

Esse trabalho é resultante de um projeto de extensão universitária que está sendo desenvolvido junto a agricultores(as) familiares da mesorregião da Zona da Mata Mineira. O projeto utiliza das metodologias “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” (ZANELLI *et al.*, 2015), trocas de sementes e mudas das “Plantas da Ancestralidade”, mesas da partilha com trocas e doações de receitas e alimentos feitos com essas plantas, caminhada transversal (VERDEJO, 2010) e observações de hortas e quintais onde se encontram muitas dessas plantas.



Nos meses de março e abril do ano de 2019, foram realizados e acompanhados dois “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” realizados na casa de duas famílias, uma da comunidade Viletas, no município de Divino-MG e outra do Assentamento de Reforma Agrária “Denis Gonçalves”, situado no município de Goianá-MG.

Ambos os “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” iniciaram com uma mística de abertura, seguida de uma rodada de apresentação dos participantes para que todos se conhecessem e se reconhecessem. Posteriormente a família anfitriã contou a sua história e a da propriedade, destacando como e quando despertaram para a agricultura agroecológica dando início a troca de experiências e reflexões sobre as práticas de cada um. Logo em seguida houve uma caminhada pela propriedade para que as pessoas pudessem observar e reconhecer as plantas nativas ou cultivadas no local e que poderiam ser classificadas como “Plantas da Ancestralidade”. Muitos dos presentes levaram mudas e sementes crioulas de sua casa para serem trocadas no intercâmbio. Após a caminhada ocorreu diálogos, compartilhou-se os saberes e experiências sobre as plantas coletadas na caminhada e levadas pelos participantes. Nesse momento os agricultores (as) deram vários relatos sobre as plantas que conheciam como utilizavam na alimentação e na medicina alternativa. Eles (as) demonstraram conhecimento sobre muitas plantas, curiosidade sobre outras e desconheciam algumas, sendo um momento de grande aprendizado para todos que estavam presentes e se interessaram pela conversa. As mudas e sementes crioulas foram ofertadas ou trocadas entre os participantes na troca de sementes e mudas.

Em ambos os “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” foi possível perceber o grande número de plantas existentes e que são ou podem ser utilizadas pelos humanos. Algumas destas plantas fazem parte da memória dos agricultores (as). Foi comum ouvi-los dizer que a mãe usava determinada planta para curar ou tratar certa enfermidade ou que quando criança comia determinada planta, mas que essa planta sumiu não se vê ela mais.

No final dos intercâmbios foram realizadas mesas de partilha de alimentos, um momento de celebração em que cada participante leva um alimento para compartilhar, após a mesa foi encerrado o dia de aprendizado coletivo.

Resultados

Na mesa da partilha de um dos intercâmbios (comunidade de Viletas) foi compartilhado uma torta de labrobrô (*Pereskia aculeata* Mill.). O labrobro é uma planta alimentar reconhecida na comunidade, assim como em muitas hortas e quintais de Minas Gerais, mas raramente é comercializado. Ele é uma planta rica em proteínas, pode ser usado em: refogado, geleias e pães. A título de curiosidade, existe anualmente em Sabará-MG, o festival de Ora-pro-nóbis (outro nome relacionado ao labrobro), com exposição de diversos tipos de pratos e receitas e isso reafirma a importância do resgate dessas plantas e da cultura relacionada a elas para a sociedade.



No intercâmbio do Assentamento “Dennis Gonçalves” foi partilhado uma torta de Chaya (*Cnidioscolus aconitifolius* (Mill.) IMJohnst.). A torta de Chaya foi uma grande novidade para a comunidade, apenas uma agricultora já tinha conhecimento sobre essa planta. Na América Central ela é produzida para o consumo das folhas, como hortaliças. No Brasil é mais cultivada para fins de uso medicinal. A planta pode ser utilizada em refogados, pães, sucos, além do uso medicinal.

Além da mesa da partilha, no assentamento, foi preparada uma salada de folhas de vinagreira para o almoço. A vinagreira roxa é amplamente cultivada no Brasil, geralmente para fins ornamentais, suas flores e folhas são comestíveis, podendo ser usado em saladas, patês, chás ou sucos.

As famílias anfitriãs dos intercâmbios, agricultores(as), estudantes e demais participantes demonstraram interesse no assunto e contribuíram com a doação de mudas e sementes. Os dois intercâmbios tiveram a participação de aproximadamente 120 pessoas, neles foram compartilhadas aproximadamente 50 variedades de plantas da ancestralidade e reconhecidas aproximadamente 27 outras variedades dessas plantas. O compartilhamento de mudas e sementes proporciona a propagação e conservação da biodiversidade. Além das mudas e sementes os participantes compartilharam conhecimentos e tiveram a oportunidade de aprender através do diálogo e troca de experiências.

Os “Intercâmbios Agroecológicos e Culturais” sensibilizaram as pessoas, permitiram ensinamentos, aprendizados e integração dos conhecimentos através de uma relação colaborativa entre os envolvidos, onde as pessoas compartilharam suas memórias e relembram a sua ancestralidade.

Espera-se que o projeto, que ainda não se encerrou, contribua para aumentar o uso da diversidade das plantas da ancestralidade e que os conhecimentos e materiais genéticos compartilhados entre as pessoas contribuam para a autonomia alimentar e para a diminuição da dependência de alimentos industrializados que na maioria das vezes não tem um valor nutricional adequado e não promovem uma alimentação saudável.

Agradecimentos

Aos agricultores e agricultoras que nos receberam em suas casas e participaram dos Intercâmbios. Ao ECOA/UFV (Núcleo de Estudos em Educação do Campo e Agroecologia da Universidade Federal de Viçosa); à chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq nº 21/2016. Ao CTA-ZM (Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira). A Universidade Federal de Viçosa (UFV) pelo financiamento do projeto extensão PIBEX que proporcionou todo esse aprendizado.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



Referências bibliográficas

FAO - FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION. **Global plan of action for the conservation and sustainable utilization of plant genetic resources for food and agriculture.** Rome, FAO, 1996. 64p.

VERDEJO, M. E. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Brasília: **MDA / Secretaria da Agricultura Familiar**, 2010, 62 p.

ZANELLI, F. V.; LOPES, A. S.; CARDOSO, I. M.; FERNANDES, R. B. A.; SILVA, B. M. Intercâmbios agroecológicos: aprendizado coletivo. **Informe Agropecuário.** Agricultura orgânica e agroecologia, Belo Horizonte, v. 36, n. 287, p. 104-113, 2015.